



INFORMATIVO VIRTUAL

Boletim

REPAM-Brasil





APRESENTAÇÃO

Todo final de ano, nos colocamos a recordar os dias que vivemos no ano que se finda, e 2024 foi um ano de desafios e aprendizados. Um dos maiores desafios foi a seca histórica registrada na região Amazônica, que deixou sua população em isolamento, com escassez de alimentos e água, além da morte de peixes e outros animais.

Se não bastasse a seca, as populações amazônicas enfrentaram dias de muita fumaça devido ao aumento de focos de incêndios em várias partes da região. O pior cenário foi registrado em Santarém, no Oeste do Pará, que teve o pior índice de qualidade do ar do mundo. O resultado de tudo isso foram o aumento de doenças respiratórias e de doenças causadas por água contaminada.

Todo esse cenário acionou um alerta para todo: estamos chegando a um ponto em que, em breve, nada poderemos fazer. Mas quem pensa que cruzamos os braços, se enganou. A população foi às ruas, denunciou e ecoou suas vozes em defesa de Nossa Casa Comum, e a REPAM-Brasil esteve presente, reforçando seu compromisso com a defesa da vida e do meio ambiente.

Em 2024, a REPAM celebrou os 10 anos de trabalho em prol dos povos da Amazônia, recordando sua trajetória e reafirmando o compromisso de atuar em rede, em conjunto com os Comitês locais e com as entidades e organismos da Igreja.

Daqui a pouco será 2025, mais um ano à nossa frente, e cabe a nós colocarmos em prática os compromissos firmados em 2024, trabalhar para que nossa Casa Comum não seja destruída e para que o aquecimento global não avance com tanta intensidade como vimos no ano que se encerra.

Nós, da REPAM-Brasil, acreditamos que é juntando as mãos, unindo forças e colocando os pés na estrada que podemos fazer não apenas a diferença, mas a mudança necessária para vivermos com dignidade.

Que 2025 seja um ano abençoado, cheio de saúde, fé e coragem para seguirmos lutando em defesa da Amazônia.



CARAVANAS FORMATIVAS PROMOVEM FORMAÇÃO VIRTUAL

Uma live, no dia 24 de janeiro de 2024, marcou o início da programação de aniversário da REPAM. O momento reuniu integrantes da REPAM – Brasil e da REPAM Pan-Amazônica.

Na oportunidade, houve o lançamento do selo comemorativo dos dez anos. A proposta aprovada foi feita pela mesma agência que desenhou a logo da REPAM.

Segundo Rodrigo Fadul, assessor adjunto da REPAM, o logotipo de 10 anos foi idealizado pela equipe de “Aquat-tro”, agência equatoriana de produção gráfica e criativa, que anda na vanguarda de novas tendências, estratégias e meios publicitários. Eles são os mesmos que elaboraram o logotipo da REPAM.

Ele destacou ainda, que a proposta mantém as cores e símbolos originais (pétalas representando os nove países, sobreposição das pétalas mostrando a diversidade de povos e da realidade e a cruz como sinal da presença do Evangelho e da Igreja a serviço da vida na Amazônia). Incluiu-se a referência numérica dos 10 anos, acompanhada da rede de pesca lançada, com marcas e cores que reforçam essa diversidade Pan –Amazônica. Esta rede, com diversas cores e símbolos representa a diversidade de povos e culturas presentes, como uma forma de conexão com o território.

Além do selo comemorativo, também foi apresentado o Roteiro Celebrativo: Cultivar A Memória e Semear Esperança da REPAM-Brasil e a oração dos 10 anos. Os materiais estão disponíveis no site da REPAM para download.



O subsídio reúne quatro encontros, inspirados no nascimento da Rede, seminários “Laudato Si”, Sínodo para Amazônia e o Documento de Santarém, além de uma oração em ação de graças pelos 10 anos da REPAM.

Com o material, a REPAM-Brasil pretende motivar os comitês, núcleos, grupos, comunidades e Igrejas locais a celebrar a memória, presença e profecia da Rede em seus territórios.



V ENCONTRO DE ECOTEOLOGIA REFLETE SOBRE DESAFIOS NO CERRADO AMAZÔNICO

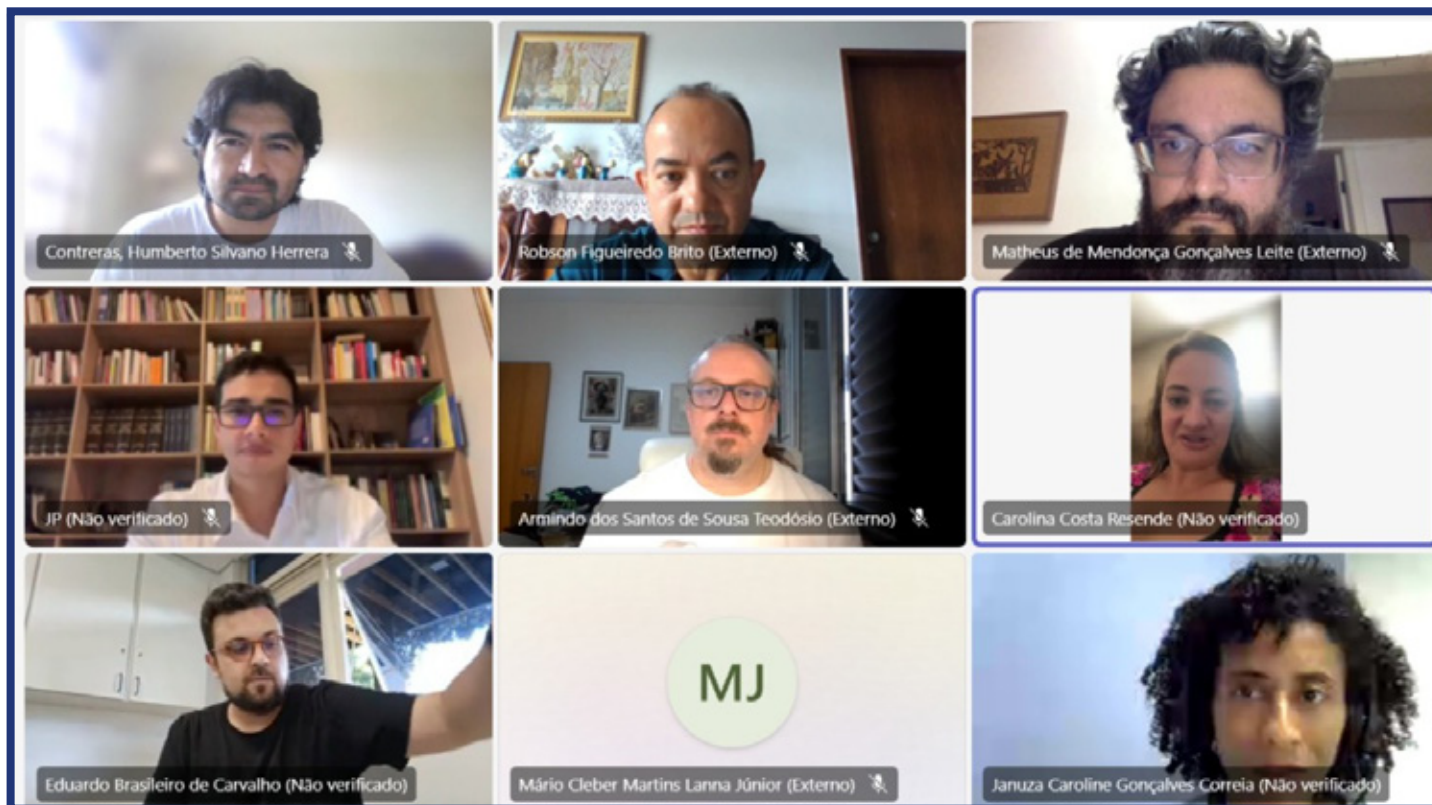
Nos dias 5 e 6 de setembro, a Arquidiocese de Palmas (TO), Regional Norte 3, recebeu o V Encontro de Ecoteologia, promovido pela Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil) e com a parceria e apoio do UniCatólica.

O evento reuniu Bispos, Irmãs da Vida Religiosa, leigos, pesquisadores e comunidades tradicionais para debater temas como ecoteologia, ecoprofecia e ecopolítica, com foco nos biomas Cerrado e Amazônia.

A programação incluiu oficinas sobre realidades do campo, comunidades indígenas e iniciativas locais, além de reflexões sobre a integração entre espiritualidade e ação socioambiental. Segundo Lucivaldo Pereira, de Redenção (PA), “foi uma experiência inovadora, especialmente com o aprendizado das vivências comunitárias”.

Para Mariana Lacerda, pró-reitora da UniCatólica, sediar o evento reforçou o compromisso da instituição com a formação integral: “Cuidado com a Casa Comum e sustentabilidade estão em nossas propostas formativas”.

Ao final, a mensagem de esperança foi clara: fortalecer a resistência das comunidades e construir um futuro sustentável com base no respeito à vida, nos saberes ancestrais e na solidariedade coletiva. Como afirmou o padre Ricardo Castro, “entrelaçar experiências e aprofundar saberes é fundamental para compreender e agir frente aos desafios que o meio ambiente brasileiro enfrenta”.



REPAM-BRASIL DIALOGA PARA RETOMADA DA AGENDA UNIVERSIDADES E AMAZÔNIA

A Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil) reiniciou, em março de 2024, os diálogos para a retomada da Agenda Universidades e Amazônia, um projeto estratégico que busca integrar as universidades à promoção da sustentabilidade e da ecologia integral.

Até o momento foram realizadas seis reuniões com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), com o objetivo de desenvolver projetos de extensão que contemplem as seis dimensões essenciais para a promoção da consciência ecológica, a saber: ensino, pesquisa, extensão, comunidade, pastoral, professores e colaboradores.

A Agenda Universidade e Amazônia foi lançada em 2019, durante o V Congresso Nacional de Educação da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC). A iniciativa é resultado de uma parceria entre as Comissões Episcopais para a Cultura e a Educação e para a Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil), o Observatório de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA) e a ANEC. O projeto tem como inspiração a Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, publicada em 2015.

Entre as ações da Agenda, destacam-se a formação de grupos de pesquisa, implementação de programas acadêmicos, realização de atividades de extensão, ações comunitárias, e inserção de conteúdos de ecologia integral nos componentes curriculares. O objetivo é criar uma rede colaborativa que permita um trabalho integrado entre as universidades e as comunidades amazônicas.



AÇÃO EMERGENCIAL

— Por uma Amazônia que tem sede —

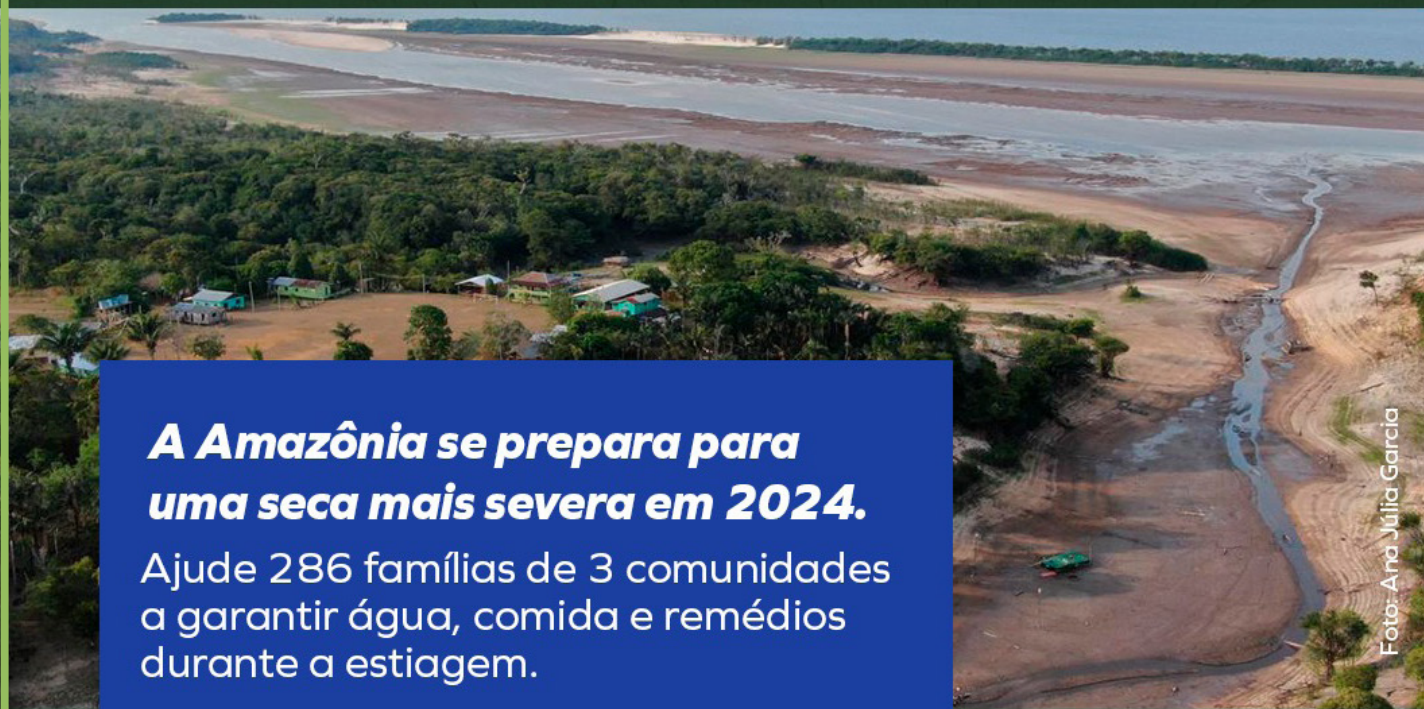


Foto: Ana Júlia Garcia

A Amazônia se prepara para uma seca mais severa em 2024.

Ajude 286 famílias de 3 comunidades a garantir água, comida e remédios durante a estiagem.

Faça sua doação
Pix: amazonia.viva@anpecom.com.br

AÇÃO EMERGENCIAL “POR UMA AMAZÔNIA QUE TEM SEDE” CONTRIBUI COM MAIS 800 FAMÍLIAS DO AMAZONAS

As organizações Economia de Comunhão Brasil, Sistema B Brasil, Rede Amazonizar, Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil) e Outra Economia – Aliança pelo Bem-Estar Coletivo, mobilizaram a “Ação Emergencial – Por uma Amazônia que tem sede”, com objetivo de arrecadar recursos para suprir as necessidades de famílias de três comunidades indígenas e ribeirinhas, durante o período de estiagem e seca dos rios do Amazonas.

A iniciativa surgiu a partir de um pedido de ajuda das lideranças das comunidades de Benjamin Constant, Acajutuba e Arara, diante da situação de estiagem e seca dos rios vivenciada neste ano de 2024, que pode ser considerada ainda mais severa do que em 2023.





Um dos objetivos principais da campanha incluiu a implementação de ações para mitigar os danos socioambientais nas comunidades indígenas e ribeirinhas afetadas e envolvidas com o projeto Amazônia Viva, com uma meta inicial de arrecadação de cerca de R\$ 290 mil.

A Ação Emergencial se propôs a arrecadar doações de pessoas e de empresas para a compra de: 80 filtros de barro para as mulheres da AMIT (B. Constant); Cestas básicas para as 200 famílias das comunidades; Aquisição de 85 kits básicos de remédios para as três comunidades; 48.000 sachês do “desinfetante de água para consumo humano”.

Durante as mobilizações foram ajudadas 890 famílias de 17 comunidades, num total de 3.204 pessoas. As ações foram executadas nos territórios, a partir do contato direto com três líderes que representavam um coletivo de jovens e de mulheres e duas associações locais.

A primeira etapa da Campanha encerrou dia 8 de outubro, sendo incorporada pela Economia de Comunhão Brasil dentro de uma mobilização mais ampla chamada Comunhão e Ação, que tem como tema “Pela emergência climática e social”.

Todas as doações são destinadas a atender projetos de impacto socioeconômico e ambiental de norte a sul do Brasil, promovendo a cultura do encontro e conectando oportunidades e vulnerabilidades.



“Alarga o espaço da tua tenda”

(Is 54,2)

PUBLICADO DOCUMENTO FINAL DO SÍNODO

No dia 26 de outubro, na Sala Paulo VI, no Vaticano, o Papa Francisco proferiu um discurso marcante após a votação e aprovação do Documento Final da segunda sessão da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos. O texto, composto por 155 parágrafos, foi publicado integralmente e, segundo o Pontífice, não será objeto de uma exortação apostólica, mas servirá como inspiração para a vida da Igreja.

Francisco enfatizou que o Documento é o resultado de um processo de escuta do Povo de Deus ao longo de três anos, refletindo o desejo de uma Igreja mais sinodal. “As referências bíblicas que abrem cada capítulo organizam a mensagem cruzando-a com os gestos e palavras do Senhor Ressuscitado, que nos chama a ser testemunhas do Evangelho mais com a vida do que com palavras”, declarou o Papa.

O Documento aborda cinco grandes temas:

Mulheres, jovens e cultura digital: Uma das inovações mais significativas é a proposta de dar mais espaço e poder às mulheres, algo reiterado pelo cardeal Víctor Manuel Fernández, prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé. Além disso, o texto reconhece o papel da cultura digital, particularmente entre os jovens, como um campo missionário fundamental. Os fiéis são encorajados a evangelizar nesse ambiente, sustentados pela comunidade eclesial.

Apelo à unidade e à paz: O Documento também se destaca pelo tom ecumênico e pelo apelo à paz em tempos de conflitos globais. “A Igreja não se afasta dos dramas da história, mas reconhece o sofrimento ao seu redor, buscando ser sinal de esperança em meio às dificuldades”, afirma o texto.

Com a publicação do Documento, o Papa Francisco reforça que o processo sinodal continua, com foco na implementação prática das propostas e na conversão sinodal em todas as realidades eclesiais. A Igreja é chamada a ser uma comunidade em constante renovação, pronta para enfrentar os desafios do presente e irradiar a luz do Evangelho.



3ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO GRUPO SALES PIMENTA EM BELÉM COLHE RECOMENDAÇÕES PARA ENFRENTAR VIOLAÇÕES EM CONFLITOS TERRITORIAIS

O cenário de violação e proteção de pessoas defensoras e comunicadoras vinculadas às questões de terra e território e comunidades tradicionais, foi a abordagem principal da 3ª audiência pública presencial comandada pelo Grupo de Trabalho Técnico (GTT) Sales Pimenta, realizada em Belém, no Pará.

A atividade integra a reconstrução da Política Nacional que orienta o Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas (PPDDH), também objeto de reestruturação do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC).

Sobre o plano

O Plano Nacional de Proteção a Defensoras e Defensores de Direitos Humanos aberta por meio de consulta pública foi elaborado pelo Grupo Técnico de Trabalho Sales Pimenta (GTT Sales Pimenta), no âmbito do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), é uma ferramenta de participação social que visa colher contribuições e sugestões para o fortalecimento do Plano Nacional e para a elaboração de um anteprojeto de lei sobre a Política Nacional de Proteção a Defensoras e Defensores de Direitos Humanos.

O Plano Nacional está organizado em três eixos – Proteção estatal, Proteção popular e Acesso a direitos e combate à impunidade, que reúnem as propostas gerais e comuns referentes às temáticas. Dentro de cada eixo constam os objetivos estratégicos e as ações programáticas.



5^a CNMA



MOBILIZAÇÃO PARA A PREPARAÇÃO DAS CONFERÊNCIAS MUNICIPAIS DE MEIO AMBIENTE E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Em maio de 2024 iniciaram os trabalhos da comissão organizadora da 5ª Conferência Nacional do Meio Ambiente (CNMA), que terá como tema a emergência climática e a transformação ecológica do país.

A comissão organizadora tem 52 integrantes, com 26 representantes da União, estados e municípios e 26 representantes da sociedade civil e do setor privado. A Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil) faz parte da comissão organizadora, e acompanha a mobilização da sociedade civil para a realização das conferências.

A 5ª Conferência Nacional do Meio Ambiente é um processo participativo que promoverá um amplo diálogo sobre a temática da emergência climática. Toda a população brasileira, sobretudo aquela que vive em territórios e em condições vulneráveis, poderá apontar soluções para o enfrentamento dos problemas relacionados à mudança do clima.

O processo participativo acontece em etapas: municipal, estadual ou distrital, livres e nacional. A Conferência Nacional vai acontecer de 6 a 9 de maio de 2025, em Brasília.

As conferências municipais devem acontecer até 25 de janeiro de 2025. Em cada uma devem ser eleitos 10 delegados que vão participar da Conferência Nacional. A novidade nesse processo foram as Conferências livres, organizadas e convocadas por qualquer pessoa da sociedade civil, que pode eleger um representante para a Nacional.

Esta 5ª Conferência Nacional do Meio Ambiente é uma oportunidade de o país discutir a emergência climáti-



ca e ouvir a população sobre alternativas disponíveis, quando novas políticas estão sendo definidas no Brasil, alinhadas com objetivos globais. Ainda neste ano, o País terá um novo Plano Clima, com estratégias nacionais de mitigação e adaptação e mais de duas dezenas de planos setoriais.

O Governo está revendo a Política Nacional sobre Mudança do Clima (PNMC), e elaborando, como os demais países, um novo compromisso a ser apresentado

até 2025 perante a Convenção do Clima da ONU. O Brasil pretende liderar esse debate no mundo, com compromissos alinhados ao limite de aumento da temperatura global em 1,5°C.

Também está em construção no País um Plano de Transformação Ecológica, em que a crise climática se apresenta como uma oportunidade para a criação de um novo ciclo de prosperidade com democracia, combate às desigualdades e respeito à diversidade.



MONS. NEREUDO É NOMEADO COMO BISPO AUXILIAR DE RECIFE

Em no dia 8 de novembro, a Nunciatura Apostólica no Brasil anunciou a decisão do Papa Francisco de nomear Monsenhor Nereudo Freire Henrique como Bispo de Mopta e Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Olinda e Recife. A nomeação foi divulgada oficialmente pelos canais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Monsenhor Nereudo pontuou que ao saber que havia sido escolhido para o Episcopado, experimentou um profundo temor, pois é ciente de suas muitas fragilidades e limitações. No entanto, reconheceu ser um chamado de Deus, que sempre manifesta seu amor e misericórdia aos pequenos e humildes. Com gratidão e confiança, entregou sua vida e suas mãos na certeza de contar com a intercessão da Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe. Assim, aceitou esta nomeação.

À Igreja de Olinda, Monsenhor pediu paciência e orações dos irmãos presbíteros, diáconos, religiosas, religiosos, seminaristas, missionários, leigos e leigas, trabalhadores, desempregados e das autoridades. Segundo ele, juntos, em oração, na Eucaristia e na missão, será possível superar as tentações da vaidade, do egoísmo, da ganância, da indiferença e do autoritarismo. Assim, vivendo a conversão pessoal e pastoral, construiremos o Reino de Justiça, Solidariedade e Paz.

Monsenhor Nereudo também é um grande parceiro da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil), desenvolvendo a função de Ecônomo. A Rede o parabeniza e deseja uma missão de muita luz, sabedoria e vivência junto à Igreja de Olinda. Reforçamos também a corrente de orações pelo Monsenhor e demais religiosas/religiosas.



Sobre Monsenhor Nereudo

Monsenhor Nereudo Freire Henrique é natural de Arcoverde, Pernambuco. Foi ordenado sacerdote na Arquidiocese da Paraíba em 13 de dezembro de 1996, trazendo uma vasta experiência em serviço à Igreja. Desde fevereiro de 2014, atua como Ecônomo da CNBB, exer-

cendo essa importante função a partir de Brasília. Em paralelo, Monsenhor Nereudo

também é Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Penha, na Arquidiocese da Paraíba, em que conduz atividades pastorais e acolhe uma grande quantidade de fiéis, especialmente durante a tradicional Romaria da Penha.



COMITÊ AMPLIADO DA REPAM NO EQUADOR: REFLEXÃO E COMPROMISSO COM A AMAZÔNIA

Entre os dias 6 e 8 de novembro de 2024, Puyo, na Amazônia equatoriana, foi palco do 10º Comitê Ampliado da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil). O evento reuniu representantes de vários países da região Pan-Amazônica, além de instituições parceiras da Europa, para refletir sobre os desafios enfrentados e os avanços conquistados na missão eclesial na região. A reunião teve como lema “Amazônia: fonte de vida no coração da Igreja”, que inspira a REPAM em seus dez anos de existência.

Participaram representantes das Redes Nacionais da Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Peru e Venezuela, incluindo o presidente da REPAM, Dom Euaristo Spengler, e a secretária-geral, Irmã Irene Lopes, ambos do Brasil. Este momento foi marcado pela celebração do percurso da REPAM e pela renovação do compromisso com a justiça socioambiental, os direitos humanos e a construção de uma Igreja com rosto amazônico.

A reunião teve uma agenda ampla, abordando questões como direitos humanos, justiça socioambiental e fortalecimento de uma “Igreja com rosto amazônico”. Um dos pontos centrais foi o balanço dos três anos do Plano Pastoral da REPAM, que destacou iniciativas de articulação entre os povos amazônicos e avanços na defesa da floresta e de suas populações.

Além disso, os participantes discutiram a reestruturação dos Núcleos Temáticos, a relação com a Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA) e estratégias para eventos globais importantes, como a COP16 e a COP30. Outro destaque foi a promoção do conceito de Bem Viver e o planejamento das ações para os próximos cinco anos.

Com um olhar voltado para o futuro, o Comitê Ampliado de 2024 reafirmou o compromisso de fortalecer a ação pastoral e buscar soluções integradas para os desafios da Amazônia, destacando sua relevância como fonte de vida e cuidado da criação.



6º CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO É REALIZADO EM PORTO RICO COM PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA E ANÚNCIO DO CAM7 NO BRASIL

Porto Rico foi palco de um dos mais importantes encontros missionários do continente. De 19 a 24 de novembro, a cidade de Ponce recebeu mais de 1.200 missionários de 42 países durante o 6º Congresso Americano Missionário (CAM6), promovido pelas Pontifícias Obras Missionárias (POM). Entre os participantes, destacou-se uma delegação de 60 brasileiros, representando diversas regiões do país.

Com o tema “Evangelizadores com Espírito até os confins do mundo” e o lema “América, na força do Espírito, testemunhas de Cristo”, o CAM6 aprofundou reflexões sobre a missão da Igreja na América. O evento combinou palestras, oficinas e atividades missionárias em comunidades locais, promovendo um diálogo entre a espiritualidade missionária e os desafios sociais e econômicos da região.

Entre os brasileiros, a REPAM-Brasil foi representada por Ir. Irene Lopes, secretária-geral, e Dom Pedro Brito, vice-presidente. Os missionários brasileiros trouxeram ao evento suas experiências pastorais e culturais, marcando presença em discussões sobre sinodalidade, evangelização e cooperação missionária.

O encerramento do CAM6 foi marcado pelo anúncio de que o Brasil sediará o 7º Congresso Americano Missionário (CAM7), em 2029. A escolha reflete a relevância do país na missão católica na América. Ainda sem local definido, a



escolha da diocese anfitriã será feita em 2025, durante a Assembleia Geral da CNBB.

O CAM6 encerrou com a leitura de uma mensagem final, enfatizando a necessidade de renovação missioná-

ria e sinodalidade para enfrentar os desafios da evangelização. Unidos pelo Espírito, os missionários retornaram de Porto Rico com um novo vigor para testemunhar a fé em Cristo em todas as realidades do continente.



ARQUIDIOCESE DE MANAUS LANÇA ECOCARTILHA PARA PROMOVER PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS

A Comissão de Ecologia Integral da Arquidiocese de Manaus deu um passo significativo em sua missão de cuidar da Casa Comum com o lançamento da primeira edição da Ecocartilha Semeaduras. O material educativo, apresentado como um marco para a conscientização ambiental, busca inspirar comunidades paroquiais e áreas missionárias a adotarem práticas sustentáveis e concretas no dia a dia.

O Volume 1 da Ecocartilha reúne experiências práticas de ecologia integral já realizadas na Arquidiocese, com foco na preservação ambiental e no cuidado com a criação, conforme os princípios apresentados pelo Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'*. Segundo Andreza Weil, integrante da Comissão de Ecologia Integral Arquidiocesana, o material reflete um amplo levantamento feito no último ano, evidenciando práticas desenvolvidas por paróquias, áreas missionárias e comunidades.

Além de destacar as iniciativas já existentes, a Ecocartilha tem como principal objetivo inspirar grupos, comunidades e lideranças locais a implementarem ações concretas em suas próprias realidades. O material também busca promover a educação ambiental de maneira acessível e prática, incentivando mudanças de comportamento que contribuam para a sustentabilidade.

O lançamento da Ecocartilha Semeaduras marca um novo capítulo no trabalho da Comissão de Ecologia Integral, fortalecendo o compromisso da Igreja com a proteção ambiental e o cuidado com os mais vulneráveis, conforme orientações da Doutrina Social da Igreja.





REPAM-BRASIL REÚNE DE FORMA ON-LINE COM COMITÊS

A Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil) realizou no período de 01 a 11 de outubro de 2024 reuniões virtuais com 16 Comitês que representam a Rede em seus territórios (Arquidioceses, Dioceses e Prelazias). Durante as reuniões, observou-se que alguns grupos se identificam como articulação regional e não apenas como comitê, por entenderem que as linhas de atuação da REPAM estão presentes nos planos pastorais das dioceses e não apenas em ações específicas. Essa perspectiva de atuação faz com que muitas instituições eclesiais não compreendam o verdadeiro papel da REPAM.

Observou-se ainda nos encontros, que algumas lideranças dos comitês sinalizam que as pautas e temas da REPAM são aceitos e necessários para as associações comunitárias e movimentos sociais. No entanto, quando o diálogo é para dentro da Igreja e seus organismos, encontramos resistências e críticas.

As mulheres, os homens e os jovens, trabalhadoras e trabalhadores rurais, extrativistas do campo e da cidade, protagonizam a luta e as resistências pelo direito à terra e à vida digna dos povos. Eles desafiam a REPAM-Brasil a caminhar juntos na garantia dos direitos dos povos e dos seus territórios em constantes ameaças.

Destacou-se ainda que a Rede é convidada para promover encontros, integrar educação e experiências na sinodalidade, no serviço da escuta ativa da realidade, da denúncia, do aprender, desaprender e reaprender. Além disso,



busca incidir na prática do bem coletivo, na produção do alimento sustentável, na demarcação dos territórios, no combate à desigualdade social, à pobreza e à fome.

Durante as reuniões on-line, as lideranças dos Comitês destacaram que a REPAM está na pauta das pastorais; uniu o Episcopado dos nove Estados da Amazônia e está se envolvendo nas pautas da incidência; incide em questões pontuais (queimadas, fome, recuperação das nascentes, questões de despejos, recuperação de casas de farinha, reflorestamento). Além disso, a REPAM inspirou a criação da Casa de Economia de Clara e Francisco, em Manaus, a criação da Comissão de Ecologia Integral das arquidioceses e ajudou os povos do

Maranhão, Tocantins e Mato Grosso a se sentirem mais Amazônidas.

Como sugestões, foram apontados uma maior presença da REPAM-Brasil nos comitês locais, trabalhar a CF 2025 junto aos comitês, Pastorais Sociais, seguir com as formações locais para impulsionar os educadores e multiplicadores ambientais, ampliar as ações nos territórios junto aos atores sociais, incentivar a Pastoral da Ecologia Integral para conscientização interna da Igreja com um Seminário de Ecologia Integral, entre outras indicações. As propostas apresentadas vão compor o plano de trabalho da REPAM-Brasil para o ano de 2025.



REPAM-BRASIL LANÇA DOCUMENTO INTERVENÇÕES DO SÍNODO PARA AMAZÔNIA E REFORÇA COMPROMISSO COM A ECOLOGIA INTEGRAL

A REPAM-Brasil publicou, no dia 31 de outubro, o documento “Sínodo para a Amazônia”, uma iniciativa que marca os cinco anos do Sínodo da Amazônia.

Segundo Dom Erwin Kräutler, bispo emérito do Xingu (PA), as intervenções sinodais foram fundamentais: “Revelaram as preocupações e inquietudes, mas também as alegrias dos filhos e filhas de Deus que vieram da Pan-Amazônia para, junto com o Papa, ouvirem e discernirem ‘o que o Espírito diz às igrejas’ na Amazônia”.

A publicação é um convite para refletir sobre o papel da Igreja na defesa da Amazônia e fortalecer o compromisso com a ecologia integral, alinhando espiritualidade e ação socioambiental. O documento está disponível para download gratuito no site da REPAM-Brasil, incentivando a disseminação do conteúdo e o diálogo sobre as realidades da região.

O lançamento também reforça a importância do Sínodo como um momento de escuta e discernimento, reafirmando o compromisso da Igreja com os povos amazônicos e a preservação do bioma.



DOSSIÊ DA CAMPANHA AMAZÔNIA TEM FOME

Em dezembro de 2024 aconteceu outro lançamento importante no calendário de atividades da REPAM-Brasil: “Dossiê da Fome”. O documento aponta a situação da fome nos territórios amazônicos, suas causas e como a população tem conviviado com essa realidade.

A mais cobiçada floresta do mundo não enfrenta agora somente os problemas de desmatamento, mineração e garimpo ilegal. Hoje, além dos efeitos das mudanças climáticas que já podem ser vistos e sentidos nos territórios amazônicos, a FOME se tornou motivo de preocupação.

O dossiê foi dividido em cinco partes: I – Apresentação; II – Introdução (Destacando a campanha Amazônia sem Fome); III – Fome, insegurança alimentar, crise climática: impacto na Amazônia? IV – Iniciativas e experiências de enfrentamento da fome na Amazônia; V – Amazonizar as políticas públicas de combate à fome.

Fruto da campanha ‘Amazônia sem Fome’ da REPAM-Brasil lançada em abril de 2023, o dossiê contou com o trabalho intenso de pesquisadores e pesquisadoras que traçaram uma linha da situação crítica em que se encontram as comunidades. Ou seja, não se trata apenas da escassez do alimento, mas um reflexo da crise socioambiental em virtude da exploração desenfreada em nome do desenvolvimento e do progresso.

Mesmo com solo fértil e produtivo, o dossiê apontou que a região amazônica tem sentido os efeitos diretos das



mudanças climáticas deixando até comunidades isoladas e desabastecidas. Contaminação de rios e igarapés também tem deixado sinal de alerta, uma vez que as plantações precisam desse líquido tão precioso para serem regadas.

Atenta a essa realidade, a Campanha Amazônia sem Fome é um compromisso da REPAM-Brasil e de seus parceiros para que o flagelo da fome não seja esquecido, especialmente nos territórios amazônicos, os quais têm esse desafio ampliado por outras questões estruturais, como lembrou Dom Evaristo: “A Igreja no

Brasil quer continuar refletindo o tema da Campanha da Fraternidade. O chamado de Jesus ecoa em nossas comunidades: ‘Dai-lhes uós mesmo de comer!’. E nós, o que estamos fazendo para dar comida de verdade e garantir alimentos saudáveis para todas as pessoas na Amazônia? Com essa campanha queremos mobilizar a Igreja, os católicos e católicas e toda a sociedade brasileira, visando pressionar os governos e as autoridades para a adoção de políticas públicas de enfrentamento à fome e à insegurança alimentar”, completa o presidente da REPAM-Brasil.



PUBLICADA 5ª EDIÇÃO DA REVISTA ECOTEOLOGIA

O segundo semestre de 2024 também trouxe mais uma edição da revista Ecoteologia da REPAM-Brasil.

Ao ecoar as questões ambientais e sociais, a REPAM convida a sociedade em geral para uma reflexão sobre o nosso papel como cristãos e cidadãos do mundo, despertando para a necessidade urgente de um novo compromisso com a Terra e com todos os seus habitantes.

O termo “eco”, originado do grego oikos, significa “casa” ou “lar”, carrega consigo um profundo significado de cuidado e responsabilidade com o ambiente, nossa Casa Comum. Em um cenário global marcado pela crise ecológica, esse princípio reverbera de maneira particularmente forte dentro da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil), que, ao longo dos últimos dez anos, tem se dedicado à mobilização e articulação de ações concretas para garantir a proteção da Amazônia, buscando sempre integrar a justiça social e a sustentabilidade em sua agenda de atuação.

Essa edição da revista, no formato de artigos, trouxe reflexões importantes sobre o que já está sendo desenvolvido no que se refere a esse processo da Ecoteologia. Destaque para artigos: 1-Ecopolítica e Ecoprofecia – aprofundamentos ecoteológicos; 2-Igreja na Amazônia: Em busca de uma evangelização encarnada; 3- Relato de Experiência Extensionista realizada em um Parque Aquícola localizado em Lajeado Tocantins; e 4- Mudanças Climáticas, o Cerrado e o Tocantins.

As produções ficaram sob a responsabilidade de assessores e parceiros da REPAM-Brasil. Essa contribuição fortaleceu o compromisso assumido da Rede junto às comunidades tradicionais, mas principalmente como essas informações estão sendo compartilhadas para além da Amazônia Legal.



PADRE JUSTINO REZENDE: A VOZ INDÍGENA PARA A PRESERVAÇÃO DA AMAZÔNIA E O DIÁLOGO ENTRE SABERES

Nascido na aldeia Onça-Igarapé, no Alto Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Justino Rezende é o primeiro padre indígena da etnia Tuyuka e membro do povo Utãpinopona. Padre salesiano e defensor do diálogo intercultural, ele atua na evangelização e no fortalecimento das tradições indígenas, incluindo práticas culturais e medicinais. Em conversa exclusiva para REPAM-Brasil, padre Justino reflete sobre a relação entre os conhecimentos indígenas e a ciência ocidental, ressaltando como essa interação pode ser uma ferramenta essencial para a preservação da Amazônia e para o enfrentamento dos desafios globais. Na entrevista, cujo texto segue, ele compartilha uma visão provocante, mas esperançosa, sobre a complementaridade entre essas formas de saber, destacando a espiritualidade indígena como ciência e a conexão entre todas as formas de vida.

***Por Camila Del Nero**

- **Como o senhor vê a contribuição do conhecimento indígena para complementar a ciência ocidental na proteção da Amazônia?**

Padre Justino Rezende: Essa é uma discussão que temos feito sobre a relação dos conhecimentos indígenas com a ciência ocidental. A nossa visão, baseada no trabalho do nosso grupo de pesquisa, é que os conhecimentos indí-



genas, por serem milenares, são anteriores ao contato com a colonização. São conhecimentos robustos, profundamente enraizados, que já revelaram sua eficácia ao longo dos séculos, mas que também se atualizam conforme as dinâmicas culturais e territoriais de cada povo; são conhecimentos que dão sustentabilidade à existência dos povos.

Por isso, são conhecimentos já bastante robustos, enraizados, que já deram seus frutos, mas, ao mesmo tempo, são conhecimentos que se atualizam também. Conforme a dinâmica de cada povo que vai passando de um território para outro, a adequação de conhecimentos para cada tipo de bioma da Amazônia, para cada tipo de rio, com seus peixes, com seus frutos, com seus pássaros. Nossos conhecedores transitam por diferentes patamares – as águas, a terra e o ar – utilizando técnicas que incluem cerimônias, músicas e discursos, sempre em diálogo com os seres que habitam esses espaços. Por isso, acreditamos que a ciência ocidental precisa abrir brechas para um encontro de conhecimento. Para se tornar mais forte e abrangente, ela deve integrar saberes ancestrais, confirmando-os como complementares.

Então, se a ciência ocidental quer ser mais robusta, mais forte, ela precisa também contar com os conhecimentos dos indígenas para a nossa visão. Então, deve haver esse diálogo de diferentes conhecimentos para buscar novas soluções para os novos problemas do mundo.

- **Quais exemplos práticos mostram como a sabedoria ancestral pode oferecer soluções para os desafios ambientais e globais?**

Padre Justino: Os povos indígenas seguem ciclos culturais profundamente conectados à natureza – ciclos de frutas, peixes, pássaros e até mesmo eventos como nascimento e rituais de passagem. Esses ciclos revelam o diálogo constante com o ambiente e com os seres que consideramos gentes. Para nós, essas entidades – sejam árvores, rios ou animais – têm sentimentos e reagem conforme o respeito que recebem.

Se não se dialoga com esses seres cósmicos, o ser humano se isola. Então, por isso que existe também a ausência de respeito por parte de outros seres, esses seres que nós chamamos de outras gentes, porque na compreensão indígena, eles também são gentes, eles têm sentimentos, têm conhecimentos, eles se revoltam também, eles ficam com raiva, eles ficam satisfeitos também quando nós conseguimos respeitá-los.

Hoje, vemos práticas indígenas sendo formalizadas, como o manejo territorial por programas nacionais e a criação de centros como BAHSERIKOWI – Casa de Medicina Indígena, em Manaus, que também é medicina indígena ao cuidado da saúde. Além disso, iniciativas como escolas indígenas e casas de comida típica reforçam que há outras formas de viver em equilíbrio com o ambiente. Esses pequenos passos são sinais visíveis de que há caminhos alternativos para a sustentabilidade.

Há possibilidade de nossa contribuição, com nossos conhecimentos das medecinas, das plantas, medecinas dos sábios, de proteger as pessoas de várias doenças, curar várias doenças. Eu penso que a perspectiva hoje é justamente multiplicar essas iniciativas, por menores que sejam, mas são sinais visíveis para a



sociedade que desconhece o conhecimento das ciências indígenas.

Vê que existem outros caminhos possíveis para o cuidado das vidas humanas, da saúde, do bem-estar das pessoas. Também como escolas indígenas, onde estudam os conhecimentos, as práticas culturais. São iniciativas, hoje também, vamos dizer, indígenas nas universidades.

São espaços onde os indígenas que chegam às universidades trazem os conhecimentos da ancestralidade. Só que muitos têm medo, pensam que isso é perda de qualidade de ensino. Pelo contrário, é um ganho para as universidades, quando os indígenas entram nas universidades, porque eles vêm trazendo conhecimentos da ancestralidade, dos povos, dos territórios. Por isso, tem várias iniciativas possíveis que devem multiplicar, com certeza.

- **Como a visão indígena de que todas as vidas estão conectadas pode ser integrada na abordagem científica ocidental?**

Padre Justino: Esse é um grande desafio. A ciência ocidental separa a humanidade da natureza, vendo-a apenas como recurso. Mas, para nós, seres invisíveis e visíveis estão interligados. Os biomas, a diversidade de plantas, os pássaros, os seres invisíveis, que estão presentes nas cachoeiras, nos lagos, nas praias, nas montanhas, nos rios, as constelações, os trovões, são os humanos que interagem conosco e nos antecederam.

A perspectiva de garantir uma vida mais equilibrada para o mundo é justamente relacionarmos com respeito com todos esses seres, para que eles tam-

bém respeitem a nossa identidade humana. Nós pensamos que somente nós que vivemos nesse mundo, pelo contrário, esses seres já são antecedentes, são anteriores a gente. Antes que nós chegássemos às Américas, antes que existíssemos, essas florestas, esses rios já estavam aqui.

Essa conexão implica reciprocidade. Nas tradições indígenas, as cerimônias pedem permissão para caçar, pescar ou ocupar territórios, e devolvemos benefícios à natureza em respeito. Essa perspectiva poderia transformar a ciência ocidental, incorporando o respeito aos seres cósmicos e registrando que eles influenciam nosso bem-estar.

- **O senhor acredita que a espiritualidade indígena pode ajudar a ciência a enxergar a Amazônia como um organismo vivo, e não apenas um recurso?**

Padre Justino: A espiritualidade indígena é frequentemente vista com desconfiança, como algo alheio à ciência. Mas, para nós, ela é parte essencial do que chamamos de ciência indígena. Ela sustenta a vida, interage com forças imateriais e permite um manejo equilibrado das realidades que nos cercam. Segundo a compreensão deles, a espiritualidade não é ciência, é outra coisa, vamos dizer. Mas para nós, a invisibilidade, a imaterialidade, faz parte também das ciências indígenas.

A nossa corporalidade, ela esconde outro ser dentro da gente. Assim também os pássaros, eles são pássaros, na forma deles são pássaros, mas eles são também gente, não é? Por isso que muitos povos têm nome de pássaro, nome de peixe, nome de cobra, nome



de árvores, nome de frutas. Então são as roupagens, são assim vistos como se fosse matéria, pássaro, animal, não sei o quê.

Por exemplo, cerimônias de cura utilizam técnicas que vão além da matéria, cerimônia de Macaé, que é cura, proteção, tudo é caso da imaterialidade, as forças que a pessoa vai receber, vai pelo sopro, pela força do ar, que vai restabelecer a saúde dela, vai tranquilizar o seu bem-estar, vai fazer com que o trabalho produza bons resultados. Então são ciências, são técnicas, não são espiritualidade no sentido religioso, mas para nós são técnicas.

Esses conhecimentos são ciência, não religião. Eles mostram que é possível espiritualizar a ciência ocidental, levando-a a considerar que a força vai além da matéria e que há complementaridade entre diferentes formas de saber. Porque penso que a ciência também é uma força que vai além da matéria, além da forma.

- **Quais são as principais barreiras para que o conhecimento indígena seja reconhecido e valorizado pela ciência ocidental?**

Padre Justino: A barreira principal está nos espaços de construção do saber. Porque a ciência ocidental acredita que a ciência é construída, elaborada, experimentada, comprovada através do tempo, do espaço, das existências, dos seus resultados esperados. Isso é ciência. E eles olham para nós como se nós não tivéssemos também esses tempos de prática comprovada, com resultados eficientes, de cuidado da vida, cuidado de outros aspectos da nossa convivência, dos nossos espaços, dos nossos territórios.

Por isso, temos que abrir as portas para dialogar com especialistas indígenas, ou pelo menos com quem intermedeia essa ciência. Nós não somos especialistas grandes como são nossos avós. Nós não somos esses especialistas, são esses grandes mestres das nossas origens, dos nossos povos.

Estamos tentando fazer com que a ciência ocidental, os especialistas ocidentais possam entender que existem outras maneiras de entender a ciência. Então, por isso, essa abertura, com certeza, esse artigo vai abrir essa discussão também, vai provocar tensões, conflitos. Isso é bom, porque vai provocar discussões.

É que a nossa ciência, indígena, precisa ser escutada. Precisa dar espaço para ela falar da sua ciência. Por isso, se fala que enquanto nossos conhecimentos forem regionalizados, ou somente localizados, eles serão sempre desconhecidos.

E nossos conhecimentos, de forma estratégica, precisam chegar também nos espaços de discussão da ciência ocidental, ou oriental, vamos dizer, nas universidades ou nos laboratórios, e que os cientistas da ocidentalidade venham às comunidades, participar das sessões científicas, cerimoniais, para comprovar que isso realmente funciona. Eu digo que é a maneira como se pode encontrar o outro diferente, mas que não é o contrário, mas ele também pode ser um grande aliado da ciência ocidental. De outra forma, de outro modo, também é muito bom, porque a ciência ocidental também pode ajudar muito a ciência indígena. Então, ajudando o outro que pode ter uma nova perspectiva mundial.



- **Como os povos indígenas podem participar ativamente na formulação de políticas públicas ambientais em parceria com cientistas?**

Padre Justino Rezende : Os movimentos indígenas, nossas associações, nossos conselhos têm participado, reivindicam para estar lá. Então, está aberto esses espaços, mas falta ainda para nos qualificar com pesquisas, com propostas de incidência na política. Eu sei que hoje em dia tem vários indígenas na enfermagem, vamos dizer.

Espero que eles estejam levando esses conhecimentos da nossa ancestralidade. Quem se torna médico, levar esses conhecimentos também, nossos cerimoniais, para incidir na política da saúde. Então, essas discussões existem.

Muitas vezes nos falta ver como é que nós vamos fazer isso. Talvez aqui falta avançar ainda como nós vamos criar currículos formativos, como nós vamos fazer pessoas que vão também estar na formação desses profissionais da política, também na política partidária, como que nosso modo de cuidar dos territórios, defender, preservar, não é o contrário, mas usar os territórios de forma equilibrada, vai incidir na política partidária, porque a política partidária parece que vê os indígenas como inimigos do progresso, não é assim? O que se quer é que tenha o equilíbrio no manejo do mundo. Então, eu penso que a ciência indígena tem perspectivas boas.

Precisamos sentar junto com cientistas ocidentais da ecologia, da biologia, para ver como é que nós podemos nos ajudar, ajudar o mundo também com nossos conhecimentos.

Essa interação pode transformar a relação entre os saberes. O conhecimento indígena não é contrário à ciência ocidental, mas pode ser um grande aliado. Essa

troca traz uma nova perspectiva mundial e fortalece os dois lados.

- **Quais ensinamentos da cultura indígena o senhor considera essenciais para a preservação da floresta e das comunidades?**

Padre Justino: O principal ensinamento é usar os territórios de forma respeitosa, evitando exploração excessiva e destruição. Antigamente, nossas práticas incluíam um manejo rotativo: quando um ciclo de frutas ou animais terminava em um lugar, nos deslocamos para outro. Isso permitiu a recomposição natural da floresta.

Hoje, com a monocultura e as limitações de nossos territórios, essa dinâmica foi interrompida, o que impacta as qualidades da fertilidade do solo, a biodiversidade e os ciclos naturais. Os indígenas, especialmente na Amazônia, continuam resistindo, lutando e defendendo seus territórios, não apenas por si mesmos, mas também em benefício de outras nações e povos.

- **Como o conhecimento indígena e a ciência ocidental podem trabalhar juntos para impactar a vida nas cidades, especialmente em relação ao clima e à saúde?**

Padre Justino: Essa aliança tem um potencial enorme, mas é necessário que a ciência ocidental dê espaço para os conhecimentos indígenas. Esses saberes refletem uma visão integrada dos biomas, considerando todos os seres vivos – animais, plantas, águas – como partes de um grande corpo vivo.

Os indígenas entendem a floresta, a terra, o espaço, os indígenas são mais biólogos do que quem faz curso de biologia, são mais ecólogos do que quem faz curso de ecologia, porque eles sabem o que é entender a floresta



como um ser vivo, o corpo, a terra como um corpo, o espaço aéreo como um corpo que interage conosco, que fala conosco, o espaço subterrâneo que fala conosco. Então é importante que esses conhecimentos sejam reconhecidos e visibilizados também. Esse conhecimento pode enriquecer as perspectivas ocidentais e promover cuidados mais eficazes para as pessoas e o planeta.

- **Qual mensagem o senhor gostaria de transmitir à comunidade científica e aos tomadores de decisão sobre a importância de aprender com os povos indígenas?**

Padre Justino: Escutar os conhecimentos indígenas é adquirir novas perspectivas. No entanto, os indígenas também não querem perder os seus conhecimentos para quem é de fora. Nem nós que estudamos não sabemos expressar direito o que nossos conhecimentos estão dizendo. Então seria fazer um trabalho bem lento de compreensão do outro, da tradução das línguas para a compreensão dos conceitos.

Então é um trabalho uagaroso. Precisa dar esse tempo de escutar. A abertura da ciência para ciências indígenas é um bom começo para poder estabelecer novas relações científicas também.

Eu penso que, não digo que as ciências indígenas vão solucionar os problemas do mundo, como também a ciência ocidental nos está solucionando, mas podemos melhorar o cuidado do mundo.

- **Como os jovens indígenas podem liderar essa ponte entre o conhecimento ancestral e o mundo científico?**

Padre Justino: O jovem é aquele que está mais aberto para poder apropriar-se desse conhecimento. Mas os jovens indígenas, eles precisam ganhar também espaço, é crucial que tenham acesso a escolas indígenas que valorizem seus temas culturais, músicas, cerimônias e práticas de manejo.

O incentivo aos jovens pesquisadores é fundamental, pois são eles que irão aperfeiçoar o que falamos. Eu já tenho 63 anos, não sei quanto tempo vou viver, mais cinco décadas, com certeza não. Mas os jovens ainda estão nessa fase de aprendizagem, de busca, então eles precisam encontrar indígenas também nas universidades que apoiem, incentivem, tenham cursos específicos adequados nas universidades brasileiras ou mundiais, e participem desses espaços de discussão pública, acadêmicos. Eu vejo que muitos estão fazendo isso, eu vejo aqui no Amazonas essa capacidade imensa dos jovens trazerem conhecimentos para a academia. Isso vai tomando corpo, viabilizando os conhecimentos indígenas na academia e para regiões onde estão presentes.

A mensagem que eu posso dizer é que deve haver mais esse diálogo, um diálogo maduro, respeitoso, provocante também, mas perseverante ao mesmo tempo. Quando a gente enfrenta a discussão com a ciência ocidental, às vezes, dá vontade de desistir, mas é preciso ter força individual e coletiva para seguir em frente. Só assim conseguiremos avançar nessa discussão e construir um futuro mais equilibrado e colaborativo da ciência ocidental e a ciência indígena.



A visão de Padre Justino Rezende convida a uma reflexão profunda sobre a necessidade de um diálogo respeitoso e maduro entre os saberes ancestrais e a ciência moderna. Seu chamado por complementaridade não é apenas uma proposta técnica, mas também um gesto de esperança por um mundo mais equilibrado, em harmonia com todas as formas de vida e com os ciclos

naturais que sustentam a existência. Ele nos lembra que a verdadeira inovação surge da capacidade de ouvir, aprender e unir perspectivas aparentemente distintas em prol de um bem comum. Essa troca de conhecimentos não apenas enriquece a ciência, mas também fortalece os laços humanos e a responsabilidade compartilhada de cuidar do planeta.



FIQUE POR DENTRO!

Estamos nas redes sociais, nos siga e acompanhe as notícias da REPAM-Brasil





EXPEDIENTE

Boletim da REPAM-Brasil

Ano 5 - Edição 5 - Dezembro de 2024

Publicação Digital

Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM-Brasil

Presidente: Dom Euaristo Pascoal Spengler

Vice-presidente: Dom Pedro Brito Guimarães

Secretário: Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Secretária Executiva: Irmã Maria Irene Lopes dos Santos

Ecônomo: Monsenhor Nereudo Freire Henrique

Coordenadora de Projetos: Arlete Gomes

Articuladora: Dorismeire Vasconcelos

Analista Financeira: Denyse Leite

Assistente Administrativo: Átila de Loiola

Assistente de Secretária: Gabriela Santos

Assessor Jurídico e de Incidência Política: Melillo Dinis

Elaboração e Redação: Joelma Viana, Liege Costa, Daniela Pantoja e Jéssica Santos

Projeto Gráfico e Diagramação: Raul Benevides

Imagens: Arquivos da REPAM-Brasil

Contato

www.repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

REALIZAÇÃO:



APOIO:



CAFOD
Catholic Agency for
Overseas Development